



GT 013. Antropologia da Técnica

Fabio Mura (PPGA-UFPB) - Coordenador/a, Eduardo Di Deus (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/UnB) - Coordenador/a, Carlos Emanuel Sautchuk (Universidade de Brasília) - Debatedor/a, Caetano Kayuna Sordi Barbara Dias (Universidade de Caxias do Sul) - Debatedor/a, Alessandro Roberto de Oliveira (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Goiás) - Debatedor/a

O GT Antropologia da Técnica chega a sua terceira edição tendo contribuído para a ampliação do interesse pelo tema e a consolidação desta área de estudos na antropologia brasileira. A partir da definição de técnica como ato tradicional eficaz, oferecida por Mauss, a compreensão dos processos técnicos se desenvolveu com especial atenção para a diversidade de relações e interações entre humanos, artefatos, plantas, animais, minerais e ambiente de modo geral. Para compreender tais processos resulta significativo focar as práticas, os conhecimentos e as habilidades que estão na base das cadeias operatórias, não como mera projeção de uma tecnologia, mas como propriedades de ação sobre materiais. Neste sentido, pretendemos aqui salientar, entre os processos técnicos, o trabalho como ato que coloca as mãos em obra, centrado justamente na manifestação de habilidades práticas, fruto da experiência no ambiente, ele mesmo entendido como meio técnico, nos termos de Lévi-Strauss. É importante também ser dada aos efeitos oriundos das intenções e de práticas técnicas que redundam na configuração de relações de poder. Tal proceder permite focar atos políticos voltados a mobilizar, ordenar e hierarquizar forças e materiais, não como em oposição à dimensão material, mas como técnicas de uso e de controle, fundamentais na formação de sistemas técnicos. Assim, espera-se aqui reunir trabalhos etnográficos e analíticos que foquem os processos técnicos na direção de tais preocupações.

Os aparatos técnicos e a tempera do work

Autoria: Rainer Miranda Brito

O work como tema e categoria tem séculos de embate nas Ciências Sociais; raras foram as bibliografias que não o mobilizaram. Pensado ora como questão fundamental e moral, ora como efeito dos mecanismos produtivos e políticos dos povos, o work parece ter se mantido pouco alterado quanto à sua equivalência com a Humanidade. Mas ao se questionar a densidade dessa equivalência, conformadora de um par work-humanidade, um elemento parece capaz de desafiá-la: os aparatos técnicos. Para além serem notados como elo de ligação entre work e Humanidade, os aparatos técnicos parecem capazes de flexionar work e Humanidade a ponto de torná-los produtos das atividades de suas séries mecânicas. Por meio de um contido itinerário histórico-bibliográfico nas Ciências Sociais do século XX, este texto oferece pistas e lacunas de três ocasiões onde os aparatos técnicos criam relevo e se mostram determinantes na formação do par work-humanidade: (1) o work como exercício de um estatuto; (2) o work como um intervalo de dispêndio; (3) o work como circunstância modular do vigor. Ao forjarem uma tempera que se revela histórica e socialmente imprescindível, os aparatos técnicos parecem furtar dos povos o protagonismo da efetividade de seus works, garantindo aos povos extensão e intensividade em seus obras.



Realização:



Apoio:



Organização:

